

*Pelos poderes de Obama**

Zeno Soares Crocetti

Está na hora de dormir. Os netinhos se deitam e se cobrem bem para ouvir as histórias que a vovó conta aquelas histórias maravilhosas de príncipes e castelos, de princesas perdidas na floresta, de bruxas malvadas e fadas benfazejas. Os enredos das histórias penetram e continuam nos sonhos das crianças. E assim foi desde o princípio dos tempos, as histórias passando de geração em geração. A Bela Adormecida, Branca de Neve, o Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Joãozinho e Maria.

Nada mais tocante, nada mais comovedor. Aparentemente tão inocente, tão puro, tão sem segundas intenções.

Na realidade, porém, as coisas são um pouco diferentes.

Narrando e interpretando aquelas historinhas inverossímeis, vovó estava realizando um trabalho social de primeiríssima importância, no quadro da sua sociedade. Legitimando as divisões de classes, explicando-as e justificando miticamente as desigualdades. Vovó e suas historinhas é um aparelho ideológico do Estado, encarregada, sem saber, de estruturar a cabeça das crianças do jeito que convém a uma sociedade dada.

Os reis são sempre bons. As princesas esperam um príncipe para começar a existir. A autoridade é legítima, anterior a qualquer discussão. As madrastas são más. Os príncipes e princesas são sempre lindos. Os maus são de classes populares, caçadores, carrascos, soldados.

Automaticamente, vovó passa adiante os valores antigos que refletem uma antiga ordem socioeconômica. O papel de vovó é impedir que a evolução se processasse muito rápida e bloquear, do início, qualquer possibilidade de mudança da ordem estabelecida.

“Era uma vez, num reino muito distante, um grande rei que vivia num lindo palácio no alto de uma montanha. O rei tinha uma linda filha que passava o dia inteiro se penteando na janela do palácio. Um dia, um príncipe... etc. etc.” Aí temos, prototipicamente, o núcleo de uma unidade ideo-pedagógica. Cada detalhe de uma fábula passa um valor, legítima uma estrutura existente, referenda um comportamento desejável e conveniente a uma dada ordem social.

O bem, que sempre triunfa, é a restauração da ordem inicial, a reparação do dano, “e foram felizes para sempre”...

Supervovó eletrônica

No século XX, com o surgimento da indústria cultural e dos meios eletrônicos de massa, vovó sofreu aposentadoria compulsória.

Quem conta as fábulas edificantes, agora, são os poderosos meios de comunicação, diretamente controlados pelo poder econômico.

Através da indústria cultural, o imperialismo ideológico dos Estados Unidos, desde de fins da Segunda Guerra Mundial, multiplicou-se em mitos, lendas e fábulas, um supervovó eletrônica,

onipotente, onipresente, irresistível, Walt Disney, Disneylândia e TV.

Uma análise dos desenhos animados de TV ao que nossos filhos estão expostos diariamente não teria nenhuma dificuldade em extrair os módulos ideológicos que se transmitam através das historinhas mais “inocentes”.

Essa análise já foi feita no caso dos personagens de Disney. Disney, e as crianças que levam seu nome, é um dos mais poderosos agentes ideológicos dos valores norte estadunidenses, vendendo para o mundo o “*american way of life*” como a plenitude da vida, como a forma superior de viver, sem possibilidades de alternativas ou concorrentes. Tio Patinhas, um velhinho simpático, tem todo o direito de mergulhar em sua piscina de moedas. A lei sempre conseguirá deitar as mãos nos Irmãos Metralhas..

Os filmes mais recentes para a TV não fogem à norma.

Os *Flintstones* são a projeção do “*american way of life*” para o mundo da pré-história. Fred Flintstone é um obediente operário do senhor Pedregoso. Sua mulher Wilma é uma esposa do tipo idiotinha que faz sanduíches, desmaia com atores famosos e não trabalha fora. Mensagem: sempre foi assim, desde o princípio. Logo sempre será.

He-Man e Bush

Os demais não fogem à regra. Os criminosos não são criminosos por algum motivo. São criminosos porque são maus. Têm cara de mau. Voz má. Encarnam o mal absoluto.

Mas o bem (isto é o aparato policial vigente) sempre os derrotará no fim.

Nesta era Clinton, porém o papel ideológico das histórias para crianças e os

desenhos animados se tornou explicitamente ideológico.

He-Man é o próprio Clinton, armado com uma espada todo-poderosa que é uma metáfora transparente do poderio atômico norte estadunidense.

As frases - chave desse desenho que, já há muitos anos, fez a cabeça das nossas crianças - “Eu tenho a força” e “Pelos poderes de Greyscull”, remetem todas a restauração do poderio militar estadunidense, desmoralizado com a derrota no Vietnã. Reagan, Bush, Clinton, Bush Filho e agora Obama, esse fantoche de negro islâmico, vieram para restaurar esse poder, (vide Líbia, Irã, Afeganistão, Panamá, Kuwait/Iraque e, mas recentemente Somália e Haiti.).

A ideologia tem o papel de distorcer a realidade dos fatos. É claro que He-Man nunca é o agressor. Ele encarna o bem. Seu arqu-inimigo é o Esqueleto, senhor de um mundo onde são claras as alusões à Cuba, China e as sociedades socialistas (o outro arqu-inimigo é Rosak, um nome eslavo).

Os tempos não estão para brincadeira. Antigamente, as fábulas passavam os valores dominantes de maneira sutil e implícita. Agora, não.

Cada desenho de He-Man termina com uma preleção direta aos seus amiguinhos (nossos filhos) defendendo os valores da livre iniciativa da “liberdade” e da importância do indivíduo.

Seu paralelo em nível adulto foi Stallone (amigo de Bush e Clinton e seus Rambo e Rocky), exaltando valores ideológicos muito precisos.

O conflito entre o capitalismo e o socialismo não pode prescindir da fantasia.

* (adaptado de Paulo Leminski)